



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 17 | n. 2 | p. 169-175 | 2019]

RECEBIDO: 12-12-2018

APROVADO: 18-07-2019

ARTIGO ORIGINAL

Experiência de ensino do basquetebol diante dos problemas do cotidiano escolar: resultados de uma pesquisa-ação

Basketball teaching experience from school daily problems: results of an action research

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p169>

Beatriz Moura da Silva, Crislaine Cintia da Silva, Ana Luíza Barbosa Vieira,
Ricardo Bezerra Torres Lima

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

RESUMO

Introdução: O basquetebol é um dos conteúdos que mais tem tendência a ser excluído da Educação Física escolar, mesmo diante de um cenário de hegemonia esportiva. **Objetivo:** Apresentar as possibilidades do trato com o basquetebol a partir das dificuldades encontradas na escola, enquanto os objetivos específicos são: conhecer a experiência prévia de alunos da escola pública com o basquetebol e experimentar uma proposta de ensino da modalidade através do jogo. **Métodos:** Esta pesquisa tem natureza qualitativa e se caracteriza por ser uma pesquisa-ação. Ela foi realizada numa escola pública recifense, e teve como sujeitos de pesquisa estudantes do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental. **Resultados:** O ensino do basquetebol através do jogo proporcionou maior interesse, entusiasmo e participação nas atividades; houve uma participação de forma distinta entre meninos e meninas; a estrutura precária da escola interferiu no ensino do conteúdo. **Conclusão:** A ida a campo mostrou que o conhecimento dos estudantes sobre o basquetebol é limitado, muitas vezes sendo resumido em conhecer nomes de alguns jogadores. A proposta de ensino através do jogo se mostrou eficiente e atrativa, pois trouxe situações de imprevisibilidade e também aproximação com jogos que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Isso indicou que mesmo com as dificuldades da escola, é possível oportunizar o acesso a este conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Ensino; Basquetebol; Ensino.

ABSTRACT

Background: Basketball is one of the contents that tends to be excluded from School Physical Education, even in the face of a scenario of sports hegemony. **Objective:** To present possibilities of teaching basketball from difficulties found in the school. The specific objectives are: to know the previous experience of public school pupils with basketball and to try a teaching proposal of the sport through the game. **Methods:** This research has a qualitative nature and is characterized as an action-research. It was performed in a public school in Recife, and it had pupils of 6th and 7th year of Elementary School as subjects of the research. **Results:** The teaching of basketball through game provided greater interest, enthusiasm and participation of students in activities; there was a distinct participation between boys and girls; the precarious school structure interfered in the teaching of content. **Conclusion:** The visits in school showed the students' knowledge of basketball is limited, often summarized to knowing famous players' names. The teaching proposal through the game was efficient and attractive, as it brought situations of unpredictability and also approaching games that are part of students' daily lives. This indicated that even with the difficulties in the school, it is possible to give access to this knowledge.

KEYWORDS: Physical Education; Teaching; Basketball.



Direitos autorais são distribuídos a partir da licença
Creative Commons
(CC BY-NC-SA - 4.0)



INTRODUÇÃO

O basquetebol é um dos conteúdos que mais tem tendência a ser excluído da educação física escolar, mesmo diante de um cenário de hegemonia esportiva (LIMA, 2012). Há um quarto de século, Lopes (1991) já afirmava que a quantidade de praticantes do basquetebol vinha diminuindo ao longo dos anos e que um dos motivos para isto ocorresse era a forma como esta modalidade vinha sendo ofertada nas escolas, por exemplo: um esporte voltado em excesso para a competição.

Há algum tempo, o esporte tem sido proposto num outro viés de abordagem através das propostas curriculares para a Educação Física escolar. Esta, enquanto componente curricular está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais e, dentro dos conteúdos gerais da Educação Física escolar no ensino fundamental, é mencionado o ensino do basquetebol (BRASIL, 1997). Este conteúdo também é mencionado nos Parâmetros Curriculares de Pernambuco que sistematiza formas nas quais o basquetebol pode ser ensinado durante a educação básica. Assim, este conhecimento pode estar articulado com o conteúdo Jogo, ensinado a partir das questões históricas e das regras, e praticado em diferentes espaços ou enquanto com o fim em si mesmo (PERNAMBUCO, 2013).

O basquetebol, na cultura escolar, se justifica de diferentes modos, como por exemplo, pelo ensino do sistema esportivo, por ensinar o respeito às regras, por aprender a conviver com o sentimento de derrota e vitória, e por ser um conhecimento produzido historicamente pela humanidade a ser ensinado aos estudantes (RODRIGUES, 2009). Para Kanter et al. (2012 apud SEVERINO; GONÇALVES; DARIDO, 2014, p. 1284), a escola “é vista como a principal instituição para promover o contato dos jovens com o esporte, já que se faz presente em praticamente todas as comunidades, a frequência é obrigatória [...]”. Dessa maneira, é no contexto escolar que há a possibilidade do desenvolvimento desta prática esportiva e do seu aprendizado em sua totalidade. Além disso, justifica-se pelo processo no qual tem ocorrido uma esportivização mundial, pela forma em que isto se apresenta no ambiente escolar, e pelo incentivo dos meios de comunicação de massa em enaltecer a vitória, assim como as habilidades físicas (PERNAMBUCO, 2013).

Apesar dessas considerações sobre o fenômeno esportivo, o basquetebol ainda é negligenciado na escola. As causas para isso são, segundo Lima (2012): (i) a preferência dos alunos por outras modalidades; (ii) a não prioridade do plano de ensino por parte do professor; (iii) as dificuldades com infraestrutura e (iv) o professor não apresentar o conhecimento técnico suficiente para o ensino dessa modalidade. Diante disto, surgiu o seguinte problema: como ensinar basquetebol num contexto escolar tão adverso? O objetivo geral desta pesquisa-ação é apresentar as possibilidades do trato com o basquetebol a partir das dificuldades encontradas na escola.

MÉTODOS

A partir da disciplina optativa de Metodologia do Basquetebol ofertada no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco surgiu o desafio de articular o ensino, a pesquisa e a extensão. A proposta do docente da referida disciplina era analisar a realidade da prática da modalidade na escola e a partir da diagnose, ministrar aulas do conteúdo basquetebol.

Após um período de busca por escolas disponíveis em aceitar o presente desafio, encontrou-se uma escola municipal localizada na cidade de Recife, que abrange seu ensino em turmas dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Nela se apresentava o seguinte cenário: uma infraestrutura inadequada, como: (a) piso irregular, (b) área sem cobertura, (c) falta de instalações e equipamentos para as diversas modalidades esportivas, (d) o espaço era tão reduzido que o material utilizado nas aulas frequentemente passava por cima dos muros indo para a rua. Segundo o relato dos funcionários e funcionárias era comum que as crianças pulassem os muros para recuperar bolas. Possivelmente por essas razões, o professor da escola em questão relatou evitar o ensino do basquetebol.

Por ser tratar da investigação de uma realidade social que parte do estudo de sujeitos, do universo escolar e de conteúdos que são frutos da produção humana, esta pesquisa se caracteriza enquanto qualitativa, pois se acredita que esses objetos não possam ser mensurados. Em concordância com essa assertiva, Minayo (2002, p. 21) afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Dentro da abordagem qualitativa, essa pesquisa ainda se caracteriza por ser uma pesquisa-ação, uma vez que:

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da

situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Este tipo de pesquisa implica participação efetiva dos(as) pesquisadores(as), os(as) quais devem apresentar soluções para os problemas encontrados, ou seja, o(a) pesquisador(a) tem papel ativo para a resolução, acompanhamento e avaliação das adversidades identificadas (THIOLLENT, 1986). Tripp (2005) caracteriza a pesquisa-ação como inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada e compreendida.

A intenção de ir à escola apareceu como forma de pôr em prática o que foi aprendido na disciplina e como possibilidade de contribuir para a modificação de uma realidade social que parecia negar o basquetebol, negligenciando, conseqüentemente, a ampliação do repertório da cultura corporal dos(as) estudantes. Na primeira visita feita a escola, a direção e a coordenação mostraram interesse na possível ação desenvolvida, visto que a escola era carente no sentido de iniciativas voltadas para o desenvolvimento do alunado.

Depois foi feita uma segunda visita para conversar com o professor e verificar a disponibilidade para as intervenções. Posteriormente, tanto a direção quanto o docente assinaram um termo permitindo a entrada, o conhecimento do ambiente (espaço, materiais, tempo destinado as aulas), e a atuação das acadêmicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Além disso, houve a devida assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido. Dentre as etapas de reconhecimento da escola, o professor da escola apresentou as pesquisadoras aos(as) estudantes do 6º e 9º do Ensino Fundamental), respectivos sujeitos da pesquisa, explicando os motivos e objetivos das respectivas intervenções. Esses elementos possibilitaram a construção dos planos de aula, que tinham como conteúdo os fundamentos do basquetebol.

Foram feitas três intervenções com cada uma das turmas, com a duração de 40 minutos cada. Dentro do conteúdo geral, basquetebol, definiu-se o ensino deste através do jogo por compartilhar com Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 606-7) que, baseados em ciências pedagógicas, trazem as seguintes contribuições do ensino através do jogo fundamentados em diferentes abordagens da Pedagogia do Esporte, como

[...] transcender a simples repetição de movimentos, orientadas para a formação de sujeitos conscientes, críticos e reflexivos. Compromisso com o ensinar, com a transformação e autonomia do sujeito, fundamentada sobre princípios e procedimentos pedagógicos, nos quais o processo é estabelecido em função do sujeito que joga, valorizando sua cultura corporal e social, sobre os pilares da diversidade e orientada para todos, independente de pré-requisitos. Contextualizar a ação e a valorização de um ambiente formativo, mediado e facilitado pela ação do educador. Entender o jogo em sua essencialidade complexa, em que o ensino e aprendizagem se dão através do jogo jogado e jogante em sua plenitude, orientado para a compreensão de seus princípios operacionais, integrado as especificidades técnicas, por meio de formas jogadas, funcionais, condicionadas e situacionais.

Além disso, Reverdito e Scaglia (2007) defendem que pelo jogo e o esporte se confundirem um com o outro, por ter a mesma natureza, dinâmica e sentido, o ensino dos esportes coletivos deverá começar no formato de jogo. Na concepção de Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009), a abordagem dessa maneira valoriza a complexidade do esporte, nega o ensino pelas partes, enfatiza a forma sistêmica e de totalidade que envolve problemas, ações, intenções que necessitam ser resolvidas dentro da situação de jogo. Segundo Graça (1995), o ensino do esporte através do jogo traz elementos da imprevisibilidade existentes do jogo formal, desenvolvendo assim habilidades técnicas como passe e drible. Para Galatti e Paes (2006), o jogo é rico neste aspecto, pois propicia a imprevisibilidade de situações e a necessidade de resolver problemas, traços esses que fazem parte do cotidiano dos(as) estudantes.

Para a análise dos dados de uma pesquisa-ação, Gil (2002) afirma que este é um assunto controverso, pois:

Há pesquisas em que os procedimentos adotados são muito semelhantes aos da pesquisa clássica, o que implica considerar os passos: categorização, codificação, tabulação, análise estatística e generalização. Há, porém, pesquisas em que se privilegia a discussão em torno dos dados obtidos, de onde decorre a interpretação de seus resultados. (GIL, 2002, p. 146).

No presente estudo, o instrumento de coleta de dados foi a observação. Marconi e Lakatos (2003, p. 191) apontam que esta forma de colher informações dos sujeitos da pesquisa auxilia no entendimento de alguns aspectos da realidade e coopera na questão de “identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”. Dentro dos tipos de observações, esta se classificou como assistemática, pois buscou identificar espontânea, casual, livre e acidentalmente os fatos da realidade, sem que houvesse de forma pré-determinada quais os que seriam ou não relevantes (MARCONI; LAKATOS, 2003); e em equipe, pois a cada intervenção duas pessoas ficavam responsáveis por observar e anotar os fatos que aconteciam durante a aula.

RESULTADOS

Para Ramos, Graça e Nascimento (2006), a tendência mecanicista e analítica, que fragmenta os fenômenos sociais e humanos se tornou insuficiente para compreender o comportamento humano em sua totalidade. No campo do ensino dos jogos (d)esportivos coletivos (JEC ou JDC), o ensino no formato sistêmico, no caso em formato de jogo, pode contribuir para um novo entendimento da realidade. Isso porque pode permitir que o esporte volte para a sua origem enquanto jogo e possibilitar a criação de regras pelos participantes (GALATTI; PAES, 2006), exercitando assim a criatividade, e, quando bem sistematizado, o desenvolvimento de novas inteligências entre os(as) alunos(as) (BALBINO, 2001). Sob a ótica de Silva (1998, p. 22),

Nos JDC, as técnicas não se restringem a movimentos específicos. Constituem ações motoras, formas de expressão do comportamento, realizadas no sentido de solucionar os problemas que as várias situações de jogo colocam ao praticante. Trata-se de uma motricidade especializada e específica de uma modalidade desportiva que permite resolver de uma forma eficiente as tarefas do jogo.

Dessa forma, baseado em Ramos, Graça e Nascimento (2006, p. 39), defende-se que

[...] ao ensinar o gesto desportivo, o professor necessita promover um ambiente de aprendizagem que permita aos alunos compreender o significado das suas ações e assim fomentar o desenvolvimento da capacidade tática do jogador.

Como resultado da pesquisa, observou-se que o ensino a partir do jogo se mostrou eficaz para a aproximação dos alunos ao conteúdo. Conforme Sadi, Costa e Sacco (2008, p. 17), “o esporte, como herdeiro do jogo, possui dois pontos relevantes para o ensino/aprendizagem: a estruturação de jogos e a promoção/substituição das tradicionais modalidades esportivas por atividades em jogos esportivos”.

O uso dessa proposta proporcionou maior interesse, entusiasmo e participação nas atividades utilizadas porque a maioria delas se baseava em algum jogo próximo da prática diária dos alunos. Alguns afirmaram gostar de ter algo diferente, se referindo ao basquete, porque era sempre o mesmo conteúdo nas aulas, enfatizando ainda a questão de estarem se divertindo ao realizarem os movimentos e atividades.

Um dos primeiros problemas identificados no contexto escolar é o da participação de meninos e meninas durante a aula. Durante toda a intervenção, todos os alunos e alunas participaram de forma efetiva. Porém, apesar de as atividades acontecerem de forma mista, muitas vezes as meninas reclamaram de não participarem efetivamente do jogo, ou pelo comportamento dos meninos em afirmar que sabiam jogar e excluí-las do jogo. Isso vai de encontro ao que preconiza Luz Júnior (2002), ao demonstrar uma concepção naturalizada de comportamento masculino e feminino, no qual os homens são corajosos, gostam da rua e de futebol, e as mulheres são fracas, passivas, do lar, das práticas corporais rítmicas.

Esses exemplos são representados e recorrentes na própria história da Educação Física. Soares (2004) conta que um dos expoentes da Escola Francesa de Ginástica, George Demeny, mostrava preocupações com os exercícios físicos destinados às mulheres. Travestido de “cuidado”, as intenções eram relacionadas à função reprodutiva da mulher e, a possibilidade de prejudicá-las devido a prática de exercícios intensos. Indo de encontro a essa afirmação Soares (2004, p. 83) mostra que:

[...] se de um lado existiam aqueles que a consideravam imoral para as mulheres, de um outro, vamos encontrar aqueles que a defendiam por julgá-la necessária. Estes afirmavam que o corpo feminino devia ser fortalecido pela “ginástica” adequada ao seu sexo e às peculiaridades femininas, pois era a mulher que geraria os filhos da pátria, o bom soldado e o elegante e civilizado cidadão.

Essas heranças de naturalização de comportamentos de meninos e meninas, homens e mulheres evidenciam a necessidade de ultrapassar as barreiras de gênero para a formação de uma sociedade mais igualitária. Frente a essa situação foi necessário criar medidas que conduzissem os meninos a agir de forma conjunta com as meninas durante a intervenção e também de chamar a atenção dos/das estudantes nesta questão com o objetivo de atuar no ponto da formação cidadã. Foram estas: a bola deveria passar entre cada componente da equipe antes da tentativa de cesta; cada finalização deveria ser intercalada entre um menino e uma menina; pausas durante as atividades para problematizar o tema com os/as estudantes e destacar que o jogo era em equipe e que todos(as) deveriam participar. Corroborando esta ideia, Corsino e Auad (2012, p. 43) mostram que algumas medidas podem ser tomadas para contribuir neste sentido, como

[...] favorecer a prática de atividades conjuntas entre meninos e meninas; proporcionar outros significados às modalidades que apresentam certas características como o rendimento; a importância da participação do(a) professor(a), que deve oferecer um tratamento igual em relação a meninas e meninos, assim como fazer as mesmas exigências para ambos; aproveitar os problemas ocorridos durante as aulas para sua problematização.

Outro caso que chamou atenção das acadêmicas foi a preferência dos(as) estudantes por determinados conteúdos, principalmente o futebol. Fato semelhante é apresentado por Figueiras et al (2007) nas aulas de Educação Física. Durante a intervenção os alunos perguntaram diversas vezes se jogariam futebol naquela mesma aula. Inclusive havia um acordo entre o professor e os alunos para que os 10 minutos finais da aula fossem reservados para o futebol. Apesar disso, o basquetebol acabou se mostrando uma novidade para as crianças, que demonstraram vontade de conhecer, praticar e, inclusive, em muitos momentos fizeram questão de frisar que tinham algum tipo de conhecimento sobre a respectiva modalidade. Isto foi percebido durante as aulas através da euforia destas ao realizarem as atividades e pelo relato das mesmas ao final das intervenções.

A apresentação do basquetebol teve início no contato com a bola, formas de manejo, chegando à aproximação dos fundamentos através de jogos. A seleção dos conhecimentos de que o esporte deve estar inicialmente adaptado à realidade e às características dos(as) participantes (SADI; COSTA; SACCO, 2008). Na escola na qual foi realizada a pesquisa, a configuração do espaço era composta por um pátio que possuía apenas linhas para a demarcação da área do futsal e de traves, não tinha tabelas ou aros, apresentava um piso irregular e com a área reduzida. Para Damazio e Silva (2008) as condições materiais interferem no trabalho pedagógico. Essa condição fez do minijogo uma opção, pois contém “[...] a similaridade presente nos jogos de invasão, quando as crianças são capazes de conservar os conhecimentos e táticas dos jogos para a realização de outros jogos” e por se adequar às condições estruturais da escola (SADI; COSTA; SACCO, 2008, p. 18).

Em cada aula houve uma breve exposição oral dialogada com os(as) estudantes sobre os fundamentos do basquetebol (controle de bola, passe, drible, arremesso e rebote), seguida da experimentação individual de cada um desses e depois a separação dos espaços a realização dos minijogos. Como cada turma tinha em média cerca de 30 alunos(as), foi essencial a divisão em pequenos grupos, pois isto possibilitou maior contato com a bola, maior execução dos fundamentos e melhor aproveitamento da aula. Apesar de os Parâmetros Curriculares para a Educação Física em Pernambuco (PERNAMBUCO, 2013) indicarem que o 6º e o 9º anos estão em ciclos diferentes de escolarização, os planos de aula foram iguais. Isto se justifica pela intervenção ser o primeiro passo para a iniciação do basquetebol, já que o conteúdo não era ensinado na escola. Assim, mesmo o 6º ano estando, teoricamente, no ciclo de Iniciação à Sistematização do Conhecimento (2º ciclo) e o 9º ano no ciclo de na Ampliação da Sistematização do Conhecimento (3º ciclo), ambas as turmas em relação ao conhecimento basquetebol estavam entre o 1º (Organização da Identificação dos Dados da Realidade) e o 2º ciclo, recém descrito.

As práticas realizadas nas aulas ministradas indicaram, também, que é possível ensinar o basquetebol mesmo com uma infraestrutura precária, por meio de adaptações, apesar de não ser o ideal. A escola, por exemplo, não possuía tabela e improvisou-se com um arco – popularmente conhecido como bambolê – preso à trave para permitir que os estudantes experimentassem, dentro dos limites, a noção de arremesso. Quanto ao espaço físico, é importante salientar o que Damazio e Silva (2008, p. 193) apontam: [...] “os esforços dos professores, por mais criativos que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho”. Assim, acreditar que apenas a “criatividade” dos professores e professoras seja suficiente para resolver os problemas estruturais da escola é banalizar ou cair num romantismo pedagógico (DAMAZIO; SILVA, 2008).

O espaço físico destinado à Educação Física é uma questão que está presente em sua história, principalmente dentro da escola. Por exemplo, no século XX, na arquitetura deste ambiente não havia uma definição de espaço para as atividades ligadas a este componente curricular: pátios ou galpões eram os locais destinados às práticas corporais (DAMAZIO; SILVA, 2008). A realidade da escola visitada se mostra similar às condições postas no passado, sobre isso Damazio e Silva (2008) afirmam que a ausência e a baixa qualidade da infraestrutura da escola para a Educação Física podem ser vistas a partir de dois aspectos, o primeiro é que este componente curricular é desvalorizado, e o segundo é que há um descaso com a educação concedida às classes populares. Conseqüentemente, a Educação Física se torna precária, negligenciada e conivente com a exclusão dos estudantes ao acesso aos conteúdos deste componente curricular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa consistiu em apresentar as possibilidades do trato com o basquetebol a partir das dificuldades encontradas numa escola, cujo cenário era a ausência do ensino desta respectiva modalidade e uma estrutura completamente inadequada para a prática esportiva. Inicialmente, percebeu-se que o conhecimento dos(as) estudantes sobre basquetebol, tanto do 6º quanto do 9º ano, era bastante limitado, justamente por este conteúdo não fazer parte das aulas de educação física e por ser dada a preferência ao ensino de outras práticas corporais.

Por conseguinte, percebeu-se que a negligência do conteúdo basquetebol na sua dimensão educacional vem se contrapondo às diretrizes da educação e aos direitos de cada cidadão. É importante destacar que a vivência da modalidade pelos alunos(as) é imprescindível para que estes aprofundem seus conhecimentos sobre este esporte, assim como possam

apreciar sua prática. Isso foi perceptível nas aulas a partir do interesse dos(as) estudantes pela prática e também pela solicitação por parte destes(as) que ocorressem novas intervenções.

Concluiu-se que o ensino do basquetebol se deu de maneira satisfatória, mesmo diante das dificuldades encontradas na escola, indicando assim que é possível oportunizar o acesso a este conhecimento, apesar das adversidades. Além disso, o ensino do esporte a partir do jogo parece mais direcionado à realidade das crianças por permitir adaptações das práticas esportivas, incluindo o basquetebol.

REFERÊNCIAS

- BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas**: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acessado em: 29 de agosto de 2019.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- DAMAZIO, M. S.; SILVA, M. F. P. O ensino da educação física e o espaço em questão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 197-207, 2008.
- FIGUEIRAS, I. P.; OLIVEIRA, G. K.; PAIANO, R.; RODRIGUES, L. H. Concepções e preferências sobre as aulas de educação física escolar: educação física escolar: uma análise uma análise uma análise da perspectiva da perspectiva discente. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 23-31, 2007.
- GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. **Movimento & Percepção**, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 16-25, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GRAÇA, A. Os comos e os quando no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.) **O ensino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto: Porto, 1995.
- LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-46, 2009.
- LIMA, R. B. T. **O esporte da escola**: a exclusão do basquetebol da prática pedagógica na disciplina curricular Educação Física. 2012. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Pernambuco, Recife, 2012.
- LOPES, R. **Superbasquetebol**. Recife: editora?, 1991.
- LUZ JUNIOR, A. A. Gênero & Educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 13, n. 19, p. 71-79, 2002.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PERNAMBUCO. Governo de Estado. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares de Educação Física – Ensino Fundamental e Médio**. Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco/ União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação, 2013. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PCPE_VD_EDUCACAO_FISICA_EFM.pdf>. Acessado em: 29 de agosto de 2019.
- RAMOS, V.; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V. A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 37-49, 2006.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. A Gestão do Processo Organizacional do Jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual

das principais abordagens. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, 600-10, 2009.

RODRIGUES, H. A. **Basquetebol na escola: construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático**. 2009. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

SADI, R. S.; COSTA, J. C.; SACCO, B. T. Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 1-9, 2008.

SEVERINO, C. D.; GONÇALVES, F. J. M.; DARIDO, S. C. A visão dos professores quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do basquetebol nas aulas de educação física: a realidade de Volta Redonda/RJ. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1283-304, 2014.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-66, 2005.

Autor correspondente: **Beatriz Moura da Silva**

E-mail: beatrzmoura@outlook.com

Recebido: **12 de dezembro de 2018**.

Aceito: **18 de julho de 2019**.

* * * * *